



Lições de ontem, escolhas de hoje, consequências de amanhã

A indústria de alimentação animal ocupa uma posição estratégica e, ao mesmo tempo, exposta, já que está posicionada entre os fornecedores de matérias-primas, energia, tecnologia e serviços e os produtores de aves, suínos, bovinos, leite, ovos, peixes, além de atender aos animais de companhia. Por conseguinte, acaba por absorver rapidamente choques

climáticos, geopolíticos, cambiais, logísticos, regulatórios e tributários, embora disponha de exígua capacidade para controlá-los isoladamente.

A principal conclusão é que o setor continua amparado por fundamentos estruturais favoráveis (demanda mundial por alimentos, competitividade do agronegócio brasileiro e expansão possível das exportações), porém atravessa um ambiente de

elevada incerteza. O desafio empresarial deixou de ser apenas produzir com eficiência e passou a incluir leitura antecipada de riscos, diversificação de suprimentos, gestão de caixa, rastreabilidade, defesa comercial e capacidade de responder rapidamente a mudanças de mercado.

Posicionada no meio de uma cadeia extensa, transforma milho, farelo de soja, coprodutos, >



Ariovaldo Zani,
CEO do Sindirações

farinhas, gorduras, minerais, vitaminas, aminoácidos e outros aditivos em desempenho zootécnico e proteína animal. Essa posição central cria uma dependência dupla, ou seja, à montante, o setor acompanha agricultura, fertilizantes, defensivos, sementes, energia, logística e indústria química, enquanto que à jusante, depende da rentabilidade e das decisões de avicultores, suinocultores, pecuaristas, produtores de leite, ovos, aquacultura e pet food. Essa interdependência explica por que um problema aparentemente distante pode chegar rapidamente ao custo da ração.

Uma interrupção em rota marítima altera frete e seguro; a redução da oferta de enxofre pressiona o ácido sulfúrico; o encarecimento desse ácido afeta fosfatos; e a restrição dos fosfatos alcança a suplementação animal e os fertilizantes. Da mesma forma, mudanças comerciais impostas a uma proteína animal reduzem ou redirecionam a demanda por alimentação animal. Além disso, os EVENTOS NATURAIS, os FATORES EXTERNOS e as CAUSAS (exclusivamente) DOMÉSTICAS constituem o conjunto de forças que devem moldar o futuro.

A possibilidade de um El Niño intenso amplia o risco de seca no Norte e no Nordeste, excesso de chuvas no Sul e calor ou irregularidade das precipitações no Centro-Oeste e no Sudeste. Os efeitos atingem produtividade agrícola, disponibilidade de milho e soja, qualidade das pastagens, transporte, colheita, armazenagem e desempenho dos animais. Calor excessivo reduz consumo e produtividade e chuvas em excesso interrompem operações, enquanto estiagens encarecem grãos, suplementação e energia. O risco climático deve

ser tratado como uma variável de gestão, e não apenas como uma ocorrência agrícola, já que interfere no capital de giro, na política de estoques, na origem das compras, nas fórmulas nutricionais e no relacionamento comercial com clientes.

Por sua vez, a geopolítica tornou-se geoeconomia porque tarifas, cotas, investigações comerciais, sanções, exigências ambientais e padrões sanitários passaram a ser usados na disputa por mercados. Os conflitos no Oriente Médio e entre Rússia e Ucrânia, por exemplo, afetam petróleo,

O RISCO CLIMÁTICO DEVE SER TRATADO COMO UMA VARIÁVEL DE GESTÃO, E NÃO APENAS COMO UMA OCORRÊNCIA AGRÍCOLA, JÁ QUE INTERFERE NO CAPITAL DE GIRO, NA POLÍTICA DE ESTOQUES, NA ORIGEM DAS COMPRAS, NAS FÓRMULAS NUTRICIONAIS E NO RELACIONAMENTO COMERCIAL COM CLIENTES

gás, enxofre, fertilizantes, fretes, seguros e rotas de navegação. Ao mesmo tempo, políticas como o regulamento europeu contra o desmatamento, o mecanismo de ajuste de carbono na fronteira e as cláusulas de salvaguarda elevam a exigência de rastreabilidade e conformidade e colocam em risco seu recém acordo com o Mercosul. Também merece atenção a busca chinesa por maior segurança alimentar e menor dependência externa através dos ganhos de produtividade, substituição de ingredientes e redução do uso de farelo de soja

ou milho que podem alterar fluxos tradicionais de comércio. Para o Brasil, cujo agronegócio mantém forte relação com a China, qualquer mudança estrutural de demanda exige acompanhamento permanente. No relacionamento com a União Europeia, a rastreabilidade deixou de ser uma exigência periférica e passou a condicionar o acesso aos mercados. Evidentemente, a interlocução do setor privado e diplomacia com autoridades europeias precisa demonstrar, com dados verificáveis, a origem das matérias-primas, a segregação dos fluxos e a capacidade brasileira de controlar riscos ambientais e sanitários, à exemplo de instrumentos como a "Plataforma Agro Mais Sustentável/Agro+S".

Adicionalmente, no ambiente interno, os principais obstáculos combinam juros reais elevados, déficit fiscal, endividamento rural, recuperações judiciais, restrição de crédito e desaceleração do consumo. Além disso, a valorização do real pode até aliviar custos de itens importados e a inflação, mas reduz a competitividade das exportações e afeta as receitas em Reais das cadeias exportadoras.

Importante salientar que o mercado de trabalho apresenta outro paradoxo, uma vez que o desemprego em baixa histórica e a melhoria da massa salarial sustentam a demanda doméstica, mas as demissões voluntárias, dificuldade de retenção e escassez de mão de obra afetam fábricas, propriedades rurais, transportadores e serviços, portanto, a gestão de pessoas, a automação e a qualificação profissional passam a integrar a agenda de competitividade. Enfim, somam-se deficiências de infraestrutura, dependência do transporte em modal rodoviário, frota envelhecida, capacidade estática ➤

insuficiente para armazenamento dos sucessivos recordes de safras e o aumento do custo do frete.

Na esfera institucional, mudanças na sistemática de registro de produtos importados, a vindoura vigência da reforma tributária, a redução de incentivos fiscais, a logística reversa de embalagens, a aplicação de direitos anti-dumping e a ciclomotim imposta às alíquotas do imposto de importação acrescentam complexidade e incerteza às decisões empresariais.

Ademais, a transição no regime tributário e a preservação dos tratamentos aplicáveis às rações, concentrados, suplementos, premixes, aditivos, aminoácidos e grãos merecem atenção especial. A prorrogação do Convênio ICMS 100 (benefícios fiscais nas transações de mercadorias dentro de cada Estado e entre eles) até a implantação plena do novo sistema (IBS) é relevante para evitar elevação abrupta de custos e perda de competitividade ao longo da cadeia.

A leitura conjunta das perspectivas e das principais pressões sobre a cadeia produtiva de proteína animal sugere que a avicultura de corte, postura e suinocultura reúnem condições mais favoráveis no curto prazo, enquanto a bovinocultura de corte e leiteira demandam cautela adicional. Porém, independentemente do segmento analisado, qualquer aumento da produção deve acompanhar sinais reais de consumo e exportação, porque produzir acima da capacidade de absorção do mercado transfere eficiência física para perda econômica.

Diante de um cenário menos previsível, ao invés de tentar prever com precisão cada choque, os empreendedores devem se preparar para as di-

ferentes combinações de risco e focar em frentes voltadas à inteligência de mercado (acompanhar clima, câmbio, juros, estoques globais, rotas marítimas, medidas comerciais e decisões dos principais compradores); suprimentos (diversificar origens, qualificar fornecedores alternativos, revisar estoques de segurança e mapear insumos originários); finanças (preservar liquidez, administrar exposição cambial, revisar capital de giro e testar margens sob cenários adversos); regulação e rastreabilidade (antecipar exigências

INDEPENDENTEMENTE DO SEGMENTO ANALISADO, QUALQUER AUMENTO DA PRODUÇÃO **DEVE ACOMPANHAR SINAIS REAIS DE CONSUMO E EXPORTAÇÃO**, PORQUE PRODUZIR ACIMA DA CAPACIDADE DE ABSORÇÃO DO MERCADO TRANSFERE EFICIÊNCIA FÍSICA PARA PERDA ECONÔMICA

ambientais, sanitárias e tributárias e fortalecer documentação, segregação e comprovação de origem); produção e mercado (expansão, formulações e compras com a demanda efetiva, evitando sobreoferta e erosão de rentabilidade).

Ainda nesse ano de 2026, o cenário continua apontando para desaceleração do crescimento e viés de baixa para as projeções. Embora, emprego e renda ainda apoiem a atividade, os juros estratosféricos, endividamento nas alturas, crédito restrito e a menor disposição para consumir limitam a

expansão, já que parte da renda tende a financiar a reorganização do orçamento familiar, em vez de novas compras. Para 2027, o encerramento do ciclo eleitoral, a possível retirada de estímulos, o ajuste fiscal e a continuidade de uma política monetária restritiva podem reduzir investimentos, muito embora, conter a dívida pública será medida compulsória para preservação da confiança, atração de capital e redução do custo do financiamento.

As eleições legislativas de meio de mandato, dos Estados Unidos e as disputas comerciais também remodelam o ambiente externo. A cadeia global produtora de proteína animal conviverá com fundamentos que sustentam a demanda por alimentos, porém sob conjuntura capaz de interromper fluxos, elevar custos ou fechar mercados. Vale a pena acompanhar ininterruptamente a implementação das regras europeias de controle do desmatamento e rastreabilidade e a estratégia chinesa de autossuficiência alimentar, com possíveis efeitos sobre a demanda por nosso farelo de soja, milho e proteínas brasileiras.

O mundo continuará demandando alimentos, e o Brasil reúne condições privilegiadas para ampliar sua participação no abastecimento global. Entretanto, clima, geopolítica, protecionismo, juros, infraestrutura e disponibilidade de insumos pressionam simultaneamente as margens. Diante dessa complexidade, antecipar riscos e planejar diferentes cenários tornou-se mais prudente do que confiar em uma única previsão.

ARIOVALDO ZANI,
CEO do Sindirações

Rações e exportações avançam. Margens sob pressão

O setor precisa transformar experiência em estratégia para produzir com eficiência, decidir com informação e crescer com rentabilidade

A indústria brasileira de alimentação animal produziu aproximadamente 45,2 milhões de toneladas no primeiro semestre de 2026, ante 43,3 milhões no mesmo período de 2025. O crescimento de 4,2% alcançou todos os segmentos acompanhados, com maior contribuição da avicultura de corte e da suinocultura. A expansão, entretanto, convive com pressões sobre a remuneração dos produtores, mostrando que o avanço dos volumes nem sempre se traduz em maior rentabilidade.

As rações para frangos de corte somaram 19,9 milhões de toneladas, contra 18,9 milhões em 2025, alta de 5,3%. O acréscimo de aproximadamente um milhão de toneladas foi a maior contribuição absoluta ao crescimento setorial. A atividade respondeu por cerca de 44% da produção total de alimentação animal no semestre. As exportações ajudam a contextualizar esse desempenho, já que os embarques de carne de frango superaram 2,9 milhões de toneladas e crescimento de 12,9%, (de acordo com ABPA), e estabeleceram recordes para o primeiro semestre, favorecidos pela diversificação dos destinos e, em parte, pela comparação com uma

base afetada pelas restrições sanitárias de 2025.

Na postura, a produção de rações avançou 1% e atingiu aproximadamente 3,8 milhões de toneladas, ante 3,7 milhões, muito embora os indicadores posteriores ao semestre apontam razoável dificuldade em relação ao poder de compra do produtor de ovos frente ao avanço nos preços do milho e do farelo de soja, ou seja, a desvalorização dos ovos e o encarecimento dos insumos levaram as relações de troca aos menores níveis reais dos últimos anos.

Na suinocultura, a produção de rações passou de 10,6 milhões para 11,2 milhões de toneladas e avançou 5,4%, impulsionadas pelas exportações de carne suína que somaram mais de 794 mil toneladas, alta de 10% (segundo ABPA), muito embora, a expansão do plantel e os ganhos de produtividade elevaram a oferta além da capacidade de absorção dos mercados. Em consequência, o preço do suíno foi bastante pressionado, comprometendo assim as margens dos produtores independentes.

Na bovinocultura de corte, a produção de rações alcançou 2,86 milhões de toneladas, ou 110 mil toneladas à mais daquelas produzidas no mesmo período de 2025. Importante salientar que

a maior retenção de matrizes, sinalizada a partir do segundo semestre, inclusive sustentada em setembro pela queda de mais de 30% no abate de fêmeas sob inspeção federal, altera as perspectivas da atividade, pois a menor oferta pode sustentar a arroba do boi gordo e pressionar as margens dos frigoríficos. Importante também ressaltar que a alta na ocupação dos cochos consolidou a virada do confinamento a partir de junho e essa tendência de forte recuperação estratégica para o segundo semestre tem sido validada pelos relatórios de mercado de diversas instituições especializadas.

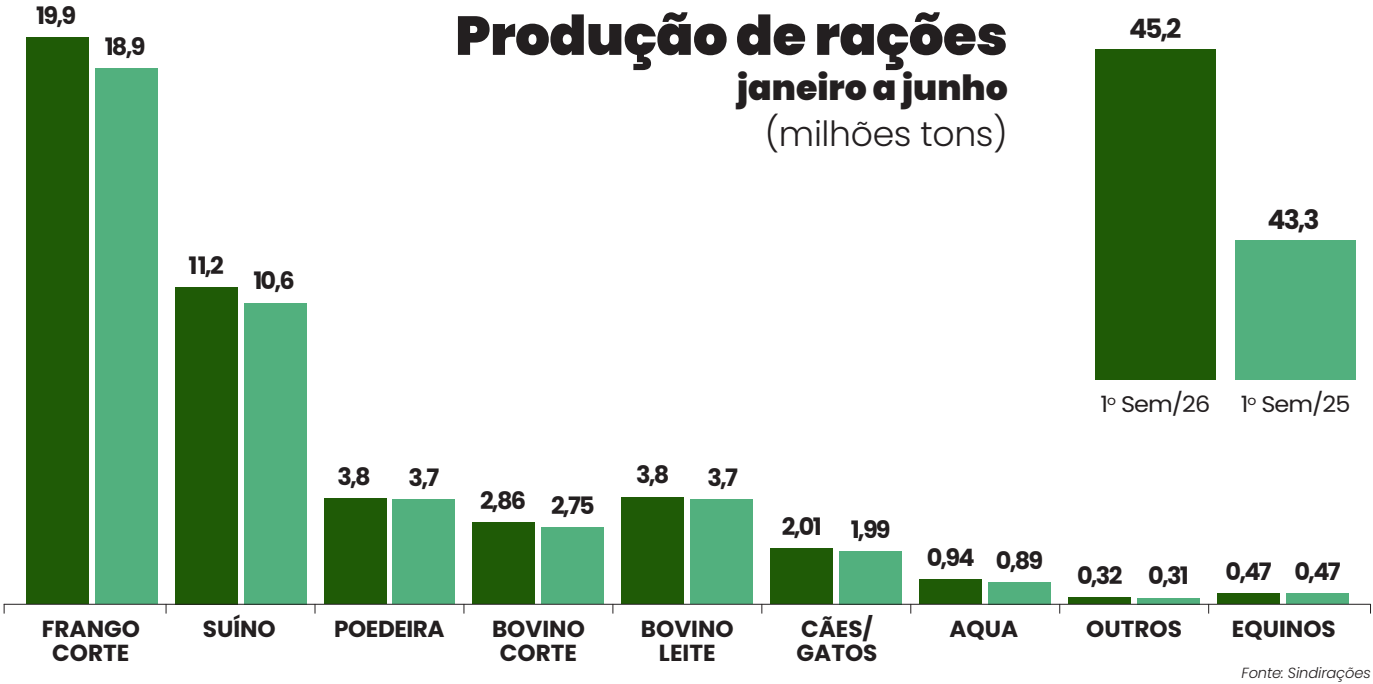
A mudança do ciclo bovino não implica necessariamente queda proporcional da demanda por alimentação industrializada e pode, inclusive, ser compensada por conta da retenção de matrizes com necessidades de suplementação reprodutiva, enquanto os preços da reposição, do boi e dos ingredientes acabam por influenciar a recria, a terminação e o confinamento. Ou seja, o resultado dependerá das pastagens, das estratégias nutricionais e da viabilidade de cada sistema.

Na bovinocultura leiteira, a produção de rações cresceu 1,8% e contabilizou 3,8 milhões de toneladas, apesar das pressões sobre a rentabilidade dos produtores, sobretudo por causa das importações de leite em pó oriundas da Argentina e do Uruguai que prejudicam a produção doméstica. Essa compressão das margens que limita investimentos e pode até comprometer a permanência de produtores na atividade requer ações voltadas às soluções nutricionais que melhorem o retorno por litro produzido. ➤

Na aquicultura, a produção de rações cresceu 5,4%, alcançando aproximadamente 940 mil toneladas. Por sua vez, os alimentos para cães e gatos avançaram 1% e superaram a marca de 2 milhões de toneladas, enquanto as rações para equinos atingiram cerca de 470 mil toneladas.

Em síntese, o balanço revela expansão da indústria brasileira de alimentação animal, todavia inserida em cadeias produtivas de proteína animal com desafios econômicos diferentes, já que os recordes de exportação coexistem com sobreoferta na suinocultura, declínio das relações de troca na postura, mudança do ciclo bovino e da concorrência dos lácteos importados.

O esforço deve concentrar-se na combinação da eficiência nutricional, planejamento comercial e da gestão financeira para que o crescimento da produção garanta resultados sustentáveis.



SEGMENTO	1º Sem (26/25)	%	CENÁRIO E DESAFIOS
AVICULTURA DE CORTE	19,9	+5,3%	Recorde de exportações; forte pressão sobre a rentabilidade do produtor
SUINOCULTURA	11,2	+5,4%	Sobreoferta interna; baixo preço ao produtor independente
BOVINOCULTURA DE LEITE	3,8	+1,8%	Margens comprimidas por importações de leite em pó Mercosul
AVICULTURA DE POSTURA	3,8	+1,0%	Recente deterioração do poder de compra; relações de troca com milho e soja
BOVINOCULTURA DE CORTE	2,86	+4,0%	Virada do ciclo com forte retenção de matrizes e encarecimento da reposição
CÃES E GATOS	2,01	+1,0%	Ajuste fino de custos e diminuição das margens; manutenção de volume no varejo
AQUICULTURA	0,94	+5,4%	Consolidação da atividade; ameaça externa das importações
EQUINOS	0,47	+0,5%	Razoável estabilidade de consumo
OUTROS	0,32	+1,0%	Crescimento orgânico das demais criações
TOTAL GERAL	45,2	+4,2%	Volume avança; margens apertadas, crise de oferta, ganho real comprometido

*Estimativa; **Previsão Fonte: Sindirações

Empresas Associadas

